

43 R039

Inspetoria São João Bosco - COLÉGIO DOM BOSCO
BRASÍLIA - DF



Pe. JOÃO BOSCO NUNES DE OLIVEIRA + 1993

O último dia de vida do Pe. João Bosco ele o passou participando, com o grupo de Salesianos, do Fórum de Educação no Centro de Convenções em Brasília. À tarde voltou para o Colégio Dom Bosco, onde residia. Já de noite, preocupado com uma aluna que lhe pedira urgentemente

seu certificado, toma um táxi para ir à Católica em Taguatinga. Na volta, às 21h30min., acontece o acidente fatal na via Estrutural. O taxista, ao desviar de um animal morto na pista, bateu com o carro no beiral de uma ponte. O Pe. Bosco morreu na hora.

Dois dias antes da sua morte disse à cooperadora Salesiana, Teresa Luíza, que o procurara para pregar um retiro espiritual aos Cooperadores Salesianos de Brasília: "Agora minha agenda está cheia, mas, a partir do dia 14, terei todo tempo do mundo para vocês".

No retiro espiritual de janeiro de 1959, Pe. João Bosco escreveu: "Aceito, Senhor, de suas divinas mãos a vida com suas alegrias e seus sofrimentos, a morte, seja ela qual for e quando for. Só quero que minha vida que, cada vez mais se encurta no tempo e se consome ininterruptamente, seja um sacrifício contínuo, como a de Jesus, para a glória divina e se consuma com a morte na glória do céu. Eu só quero na vida e na morte, mostrar em meu ser a sua glória, e ter o seu amor aqui e na eternidade".

No mesmo retiro espiritual de 1959, quando tinha 34 anos de vida, 16 de vida Religiosa e 06 de vida sacerdotal, Pe. João Bosco deixou escrito: "Ficam gravados nestas páginas RETALHOS DE MINHA EXISTÊNCIA, numa lembrança-saudade, sobrenaturalizada pela fé, dos meus mais belos dias idos e vividos e numa esperança-conforto para os dias do porvir".

"Retalhos de minha existência", são 92 páginas de caderno, manuscritas, que contam as principais passagens de sua vida desde o nascimento até a ordenação sacerdotal. Daí para frente há outros documentos: cópias de cartas datilografadas enviadas a várias pessoas mostrando o seu perfil. Julgo oportuno transcrever alguns trechos que retratam o resumo da vida do Pe. João Bosco Nunes de Oliveira.

"A 23 de abril de 1924, Deus, nosso Senhor, me colocou neste mundo, num lar pobre, mas feliz, porque rico das virtudes de duas pessoas justas: Papai, Eduardo José de Oliveira e Mamãe, Angela Nunes de Oliveira.

Batizou-me Mons. José Soares Machado, Padrinho Zezé e Madrinha Alice assumiram por mim os compromissos sagrados da vida cristã e se tornaram meus pais espirituais.

Tinha cerca de 02 anos apenas, quando fui crismado por Mons. Machado. Com este sacramento entra a fazer parte de minha vida Padrinho "Pepino".

Uma grande ufania sempre existe em mim por ter o nome de Dom Bosco. É ele o incomparável modelo de vida cristã que a religiosíssima Mamãe foi buscar para o seu caçula.

A Primeira Comunhão. Foi num dia de Festa em Embaú, a 30 de julho de 1933 que eu, já com 09 anos, recebi a primeira comunhão.

Mamãe me preparou bem, como somente ela sabia preparar, para receber a primeira visita de Jesus na Eucaristia.

A manhã daquele 30 de julho estava límpida e cheia de sol. Eu fui para a Igreja de roupa branca. Meus colegas de 1ª comunhão eram humildes e simples. Frei Vitor celebrou a Missa e dele recebi a Jesus Eucarístico.

Não compreendia eu ainda, naquele dia feliz de minha vida, que Jesus era o meu maior amigo e que por isto ele estava comigo. Não tinha convicções bem claras ainda sobre o valor da comunhão.

Entrada para o Colégio. Era o dia 13 de março de 1936. Eu tinha 11 anos. Papai e Mamãe já tinham arrumado o necessário para o Colégio.

Após chegar a Lorena, Mamãe me apresentou ao Sr. Pe. Cricco, em seu escritório. A amizade que sempre uniu o Sr. Pe. Cricco a meus Pais fez desse grande e boníssimo salesiano o meu protetor nestes primeiros anos de vida colegial e um fator decisivo na minha vocação salesiana.

Foi ele o meu primeiro Diretor e fez por mim o que Dom Bosco o fez para tantos jovens.

Eu chorei ao despedir-me de Papai e meus irmãos. Chorei várias vezes quando recebi visitas. Mas, nos dois anos tão saudosos e felizes de minha meninice que passei aluno em Lorena, eu sempre estive contente, pois sabia que o Diretor me estimava e que, portanto, era para mim um verdadeiro Pai.

Em 1936 fiz o curso de admissão na Escola Agrícola, Cel. José Vicente. Em 1937 fiquei interno no São Joaquim.

Na festa do Diretor, em 1936, fiz o primeiro discurso em minha vida; e numa feliz coincidência, foi uma homenagem pública de gratidão ao meu grande benfeitor, o Pe. Valentim Cricco.

No certame de catecismo de 1937 tirei o primeiro lugar. Vi o Sr. Pe. Cricco e o Pe. Ortoleva bastante satisfeitos com esse meu triunfo.

Muitos colegas sabiam que eu iria para o Seminário. De vários que desejavam, só eu segui do internato naquele ano.

Daqueles 02 anos de internato em Lorena só me ficaram nos arquivos da memória recordações felizes e esperançosas. Eu gostava do Colégio. Foi em Lorena que eu vivi por primeiro sob o teto paterno de Dom Bosco, e lá minha vocação se firmou para a vida salesiana.

Deus, não há dúvida, premiou a grande devoção de Mamãe a Dom Bosco. Maria Auxiliadora, a Celeste Mestra de Dom Bosco, foi ao lar de Mamãe e me trouxe para ser filho de Dom Bosco e colocou-me entre seus prediletos Salesianos, dando-me nele, não só o modelo de vida cristã, senão também fazendo nascer em mim, desde os albores da infância, quando a vida só é serenidade e folguedos, a vocação sacerdotal, bem cedo definida para a vida salesiana, graças à atmosfera de salesianidade que Mamãe criou em nosso lar.

O belo quadro de Dom Bosco na sala de visitas, o Boletim Salesiano, que eu lia quando pequeno, visitas a nossa casa, de Salesianos amigos de Papai e Mamãe, tudo isto, creio, decidiu ou influiu, segundo os meios de Deus, para que germinasse em mim esta flor tão fecunda de frutos espirituais em minha vida: a vocação salesiana.

Embaú inteiro sabia e dizia: "O Bosco da Lalá vai ser padre". Quantas graças, pois, não me concedeu Deus nos serenos e felizes anos de minha meninice.

Seguindo a vocação. O Apóstolo São João deixou esculpido nas letras do seu Evangelho a hora em que Jesus o chamou para segui-lo. Eu não sei quando, por que meios, em que circunstâncias, Jesus me escolheu. É certo, porém, que sua voz divina se fez ouvir no íntimo de meu ser, já nos tenros e nebulosos anos da infância. Quando me dei por gente e já pensava, eu já queria seguir a Jesus. Disto nunca duvidei. Julgo como fator importante neste destino de minha vida a educação cristã do meu lar paterno.

A 21 de janeiro de 1938, acompanhado de Mamãe, deixei para sempre o aconchego sereno e feliz de meu lar paterno e fui, sob o impulso de um grande ideal, morar no lar igualmente paterno de Dom Bosco.

Foi uma data bem significativa em minha vida. Deixei Papai, Mamãe e meus irmãos e meus Padrinhos que sempre me têm seguido com carinho paterno os passos de minha vida.

Troquei o ambiente pequeno e bucólico de minha terra natal e os cenários de minha infância por outros desconhecidos que irão multiplicar-se ainda na variedade extensa da obra salesiana.

O espírito de fé de Mamãe compreendeu naquele dia, melhor que eu, o sentido desta partida de meu lar, em plena adolescência para ficar em definitivo com Dom Bosco.

Após as despedidas em casa fomos para Lorena. Ficaria eu entregue ao Pe. Cricco, que me encaminharia para Lavrinhas.

No portão de entrada do Colégio São Joaquim despedi-me de minha Mãe. Ambos éramos felizes naquela hora. Eu porque ficava com Dom Bosco. Ela, porque me via ficar. Em nós a alegria do sentido nobre daquela separação foi superior à tristeza que acompanha toda despedida.

Eu não chorei naquela hora, mas eu sei que lágrimas de alegria materna inundaram as faces venerandas de Mamãe.

Este dia e esta separação foram para Mamãe e o sô ainda para mim uma verdadeira conquista, um prêmio e uma bênção celeste nas páginas do livro de minha vida.

Na história de minha vida ficou o Colégio São Joaquim da plácida Lorena como sendo "**O meu Colégio**".

Naquele domingo, 13 de fevereiro, eu entrei, pois, para o Aspirantado. Quatro anos eu vivi em Lavrinhas. Repeti o 1º Ginásial, já feito em Lorena, a fim de iniciar o estudo do latim.

Todo sonho da minha meninice começa a concretizar-se com minha entrada no Aspirantado. Meus pais e eu estávamos felizes.

Contrastando, porém, com as fases anteriores de minha vida, os anos em Lavrinhas não foram tão eficientes. Houve em mim menos consciência da vocação e de minha condição, mais influência das exterioridades e das coisas momentâneas, menos cumprimento do dever e mais omissões. Não se realizou, contudo, em mim o ideal do bom aspirante, como tinha sido em Lorena, um bom aluno.

Após o primeiro ano sob a direção firme do Pe. Agenor, surge nesta quadra da minha vida o plasmador principal da moldura de minha vocação, o então Pe. Ladislau Paz. Foi para mim o salesiano que mais desceu dentro de mim e que mais me compreendeu.

As deficiências de meu aspirantado fazem com que Lavrinhas não tenha para mim um significado tão profundo.

Eu amo Lavrinhas mas estremeço Lorena, porquanto foi lá que eu recebi o primeiro influxo benéfico da vida salesiana e onde me decidi a ficar para sempre com Dom Bosco.

Tudo isto porque em Lorena eu fui bom e os salesianos me julgavam bom. Em Lavrinhas nem sempre fui bom e os salesianos muitas vezes não puderam dizer que eu era bom.

O meu aspirantado, de quatro anos, terminou em 1941. Meu preparo intelectual teve deficiências, embora eu me saísse bem nos estudos graças a Deus, entretanto, houve esforço em preparar-me para o noviciado.

Deixamos Lavrinhas em demanda do noviciado em São Paulo. Tinha-me o noviciado o significado de uma vida nova, mais perto de Dom Bosco. Entrei para o noviciado com a vontade de querer aproveitar na minha formação, porquanto, nova fase se delineava na história de minha vida.

A vestidura. Uma atmosfera de entusiasmo envolveu o tríduo de preparação à vestidura, pregado pelo Pe. Luís Garcia, então Diretor da Lapa. Chegou o dia 09 de março. Papai e Mamãe lá estavam em São Paulo a aumentar a minha alegria.

Após o jantar no noviciado fomos para o Liceu Coração de Jesus. O Exmo. Sr. Dom Vicente Priante, bispo de Corumbá, oficiou o ato de nossa vestidura. Luzes e flores inundavam e adornavam o presbitério do majestoso santuário do Coração de Jesus.

Aproximou-se do altar o primeiro da ordem, o Antônio Carlos de Paula.

Era ele também o primeiro em me compreender. Um mútuo entendimento nos uniu sempre desde o aspirantado. Solidificou-se numa séria e verdadeira amizade fraterna, salutar e de estímulos em minha vida salesiana, que o tempo e as distâncias nunca destruíram, mas que a idade e os anos cimentaram.

Com Papai e Mamãe estavam muitos parentes de São Paulo que me abotoaram a batina. Um botão eu guardei para o Pe. Ladislau.

Foi bem feliz, de muito esforço espiritual o meu ano de noviciado. A piedade e o zelo do nosso Mestre, Pe. Gastão do Prado Mendes, era-nos um grande exemplo a nossos olhos.

Naquele ano, o décimo oitavo de minha existência, eu vivi mais profundamente a minha vocação.

Primeira Profissão. 31 de janeiro de 1943, festa de Dom Bosco, foi o inesquecível dia em que me fiz filho de Dom Bosco e membro de sua família espiritual. Pela primeira vez, naquela festa de Dom Bosco, fui mestre de cerimônias na Missa Solene.

A primeira profissão, porém, foi uma festa bem íntima, de convicção e foi naquele dia que formulei os propósitos mais nobres, mais firmes, mais íntimos e mais reais e os mais profundos em suas consequências em minha vida.

O principal deles está diariamente sendo lembrado junto a Jesus, na minha união com Ele na santa comunhão: "Ou fidelidade ou morte"

"Fidelidade até a morte na minha vocação".

Eu estava feliz naquele 31 de janeiro de 1943 e sou ainda e serei feliz porque filho do meu grande Patrono Dom Bosco. Naquele dia se escreveu uma das mais belas, ricas e esperançosas páginas de minha vida.

Curso de Filosofia. 1943 - 1945: No ano de 1943 o Instituto de Filosofia passou para Lorena, com a criação do curso colegial. Tive muita satisfação ao voltar a viver no "meu Colégio" São Joaquim.

Pe. Escalabrino Olívio foi Diretor nos meus dois primeiros anos de vida salesiana e meu primeiro professor de Filosofia.

No 3º ano em 1945, tivemos novamente o Pe. Ladislau como Diretor.

Ao lado desses dois salesianos muito influiu em minha formação naquele triênio filosófico, o Pe. José de Vasconcelos, Capitular e Professor de Filosofia, a quem muito devo, que muito me compreendia e a quem sempre estimei.

Fui encarregado das cerimônias dois anos e meio. Tal ofício aumentou mais ainda meu amor às coisas do altar.

Os meus três anos de filosofia constituem uma das etapas mais belas e serenas da minha vida. Reflexo desta beleza e serenidade era a confiança em mim que eu percebia em superiores e colegas.

O Tirocínio. 1946 - 1948- Uma grande mudança nos moldes exteriores da vida se opera na transição do curso de Filosofia para as labutas da assistência na vida ativa nos nossos Colégios.

No início de fevereiro de 1946 recebi a primeira carta de obediência. Por ser harmonista e para ser mestre de canto, meu destino era a Mooca.

No dia 12 de fevereiro a história de minha vida vê assinalada em suas páginas a primeira aula dada por mim.

Iniciava-se assim a minha atividade de magistério que se tornou uma das mais gratas à minha vida de salesiano. A cátedra é para mim um dos mais atraentes meios de meu apostolado e de fazer o bem.

Nem 02 meses fiquei na Mooca. Um telefonema de Pe. Orlando Chaves, Inspetor, no dia 31 de março me removia para o Instituto São Francisco de Sales do Riachuelo, no Rio de Janeiro. A 02 de abril parti para a Capital da República. Lá permaneci até o fim do tirocínio.

Fui consciente nos meus trabalhos de assistente e Deus, Nossa Senhor me concedeu as satisfações humanas de me ver estimado pelos Superiores, alunos e amigos daquele Colégio.

Pe. Francisco Lanna foi grande parte em minha vida naquela etapa do tirocínio que se me coroou com a graça divina da profissão perpétua.

Foi assim feliz o meu tirocínio.

Profissão Perpétua: O retiro espiritual foi feito em Cachoeira do Campo. Naquele ano se iniciaram os退iros em Cachoeira após a divisão da Inspetoria em 1948.

Na festa de Ano-Bom de 1949 a minha vida se consagrou definitivamente a Deus com a profissão perpétua como filho de Dom Bosco.

A Teologia: 1949-1952, Saí confortado da casa do meu tirocínio. No dia 21 de fevereiro de 1949, véspera da minha partida, houve despedidas.

À boa-noite foi o mesmo Pe. Inspetor, Pe. Alcides, que elogiando-me e augurando-me propícia Teologia trouxe-me naqueles momentos verdadeiramente emocionais o alento paterno do seu grande e generoso coração salesiano.

Na manhã de 22 de fevereiro embarquei para Cruzeiro. De lá fui para Embaú a fim de passar uns dias em meus penates.

O Domingo de Carnaval, 28 de fevereiro, passeio-o em Lorena e a 1º de março cheguei a São Paulo. Conheci no Liceu o então Diretor

da Lapa, Pe. Antônio Barbosa. Juntos chegamos ao Instituto Pio XI à hora do jantar.

Irradiando alegria instalei-me no ambiente da Teologia para aqueles anos de tão graves responsabilidades no emoldurar de minha vida, pois, de lá, sairia sacerdote.

Mortes. 11 de julho de 1949. Contava eu no primeiro ano de Teologia, 25 anos, quando realmente soube o que é sofrer.

A morte de Papai abalou-me o ser no que de mais íntimo ele possa ter.

Que bela e santa morte a do meu saudoso progenitor! Foi exemplo de virtudes em minha vida e de edificação na passagem à eternidade.

De tudo o que aconteceu na morte de Papai ficou-me para sempre esta consoladora recordação: Ele foi um cristão de virtudes,

um chefe de família exemplar,

um pai extremoso.

Sua memória ficará para sempre.

A dois de outubro do mesmo 1949, Messias, meu irmão, com 29 anos, perecia afogado nas águas do Rio Paraíba, em Cruzeiro.

Sob estes dois abalos morais passou-se o meu primeiro ano de Teologia. Sofri muito. Como sofreu Mamãe ao perder esposo e filho! Só Deus o sabe.

Ordens Sacras. Os anos de Teologia são um contínuo subir para a meta do sacerdócio através das Sagradas ordens.

Preparar-se para elas e recebê-las bem é um grande trabalho espiritual e dos mais eficazes na formação eclesiástica, a fim de que a vida se configure com a de Cristo, o Sumo Sacerdote.

Tonsura. A 07 de dezembro de 1949.

Ostiariado e Leitorado. 23 de setembro de 1950.

Exorcitado e Acolitado. 23 de dezembro de 1950.

Subdiaconado. Com consciência reta e esclarecida, graças a Deus, fiz o pedido para o grande passo do subdiaconado, em dezembro de 1951. A 22 de dezembro, sábado das têmperas do Advento de 1951, tornei-me subdiácono. Desde este dia a prece oficial da Igreja, no breviário, começou a ser recitada por mim.

Na festa do meu Pai, Dom Bosco, de 1952, tive o prazer de officiar pela primeira vez em Missa solene, na função de subdiácono, no Rio de Janeiro. Era uma participação mais íntima e ministerial no Santo Sacrificio. Era a ante-sala do sacerdócio.

Diaconado. O início do ano letivo de 1952 viu-se-me coroado com as honras da sublime ordem do diaconado. Recebi-a no Santuário Coração de Jesus no dia 29 de março. Foi a mais festiva das ordens recebidas antes do persbiterado. Grande alegria eu tive naquele sábado.

No domingo de Ramos, 05 de abril. Inaugurei solememente o meu diaconado contando o "Passio" no santuário Coração de Jesus, na parte de Cristo.

Na festa do Corpo de Deus, 12 de junho, dei pela primeira vez a santa comunhão, na praça da Sé, na Páscoa dos Militares.

Era o diaconado a aurora do sacerdócio.

Ordenação Sacerdotal. Em São Paulo. 08 de dezembro de 1952. "Dócil ao chamado do Espírito Santo, na liturgia da minha ordenação sacerdotal, eu respondi a Deus e à Igreja: "Eis-me aqui" (Sl 39) perante meu Bispo ordenante, D. Paulo Rolim Loureiro, minha Mãe, meus irmãos, familiares e o povo de Deus em São Paulo. "

Hoje, que identificado com Cristo, empresto a Ele, Sumo Sacerdote, meus atos humanos e minha voz, na celebração da Santa Missa, bendigo aqueles momentos de felicidade ingênua e infantil em que imitava os sacerdotes, pois, eram uma verdadeira preparação psicológica para a realidade estupenda do meu atual sacerdócio. Graças a Deus esforço-me agora para celebrar interna e externamente bem.

Exercício da Missão

De 1953 a 1964, Pe. João Bosco trabalhou em São João Del Rei, ocupando sucessivamente os cargos de Conselheiro escolar dos aspirantes e Catequista dos estudantes de Filosofia, Confessor e Capelão. Durante todo este tempo lecionava na Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras.

Como Conselheiro escolar, apesar da exigência na disciplina e da seriedade com que revestia seus atos, no pátio estava sempre rodeado por grupos de alunos, sobretudo os maiores, que riem gostosamente de seus casos. Quando aparecia alguma ocasião o Pe. Bosco se exibia nas cordas do contrabaixo.

Os alunos da Faculdade apreciavam muito suas aulas de Português e de Literatura. Durante muito tempo ele era identificado como Bocage. Homem de uma memória extraordinária, declamava com ênfase especial muitos trechos clássicos de escritores portugueses e brasileiros. Quando começava a falar se empolgava e custava para terminar.

De 1965 a 1967, depois de 12 anos o Pe. Bosco saiu de São João Del Rei para ser Diretor do Colégio Dom Helvécio em Ponte Nova. Era uma fase difícil do Colégio. O Pe. Bosco não se identificou como Diretor. Sofreu muito. Sentia que não fora feito para administrar. Ele mesmo deixou escrito: "São muito limitadas as minhas capacidades para administração e ciências exatas e para habilidades mecânicas". Em 1968 voltou para São João Del Rei como professor da Faculdade e como Confessor.

De 1967 a 1970, esteve em Córdoba - Argentina. Por circunstâncias particulares, a Inspetoria São João Bosco optou, a partir de 1967, que os estudantes de Teologia terminassem seus estudos na Argentina. Os superiores de Villada pediram que a Inspetoria enviasse, com os estudantes de Teologia, um sacerdote salesiano da Inspetoria. Foi designado o Pe. João Bosco. Ficou pertencendo à comunidade formadora da Teologia. Estava disponível a todos, particularmente aos brasileiros. Como Confessor e Diretor espiritual, sempre marcava sua presença amiga, cordial e acolhedora, entre nós, escreve um dos estudantes de Teologia. Era querido por todos. Sua alegria, seu dom musical, sua disponibilidade contagiava também os grupos de jovens.

De 1971 a 1976, foi Vigário Cooperador em Araxá. Enquanto exercia esta missão na paróquia São Domingos era contemporaneamente coordenador diocesano da Pastoral e assessor da Pastoral do Turismo do Leste II da CNBB. Pe. João Bosco trabalhou muito. Ele se sentia dividido e, muitas vezes, constrangido com os problemas da Paróquia e da Diocese. Sempre procurou ouvir muito e ajudar a encaminhar soluções.

Em 1977 foi para o Colégio Salesiano de Vitória. Iniciou o trabalho de assessoria à CNBB.

De 1978 a 1983, pertenceu à Comunidade Salesiana de Brasília, adido à CNBB, como assessor para catequese. No segundo semestre de 1981 passou a maior parte do tempo em São Paulo por problemas de saúde. Em seus escritos Pe. Bosco confessa: "Durante estes meses tenho como preocupação constante, o que fazer agora, como serviço básico na minha vida. Na medida em que o tempo passa vejo que assumir um lugar e

um compromisso é necessário e urgente pra mim, para a minha própria saúde psíquica e para a Igreja e a Congregação que contam comigo. É um dever. Há algo a fazer ainda, na saúde, uma cirurgia de varizes. Mas isto se pode conjugar com uma definição imediata de atribuições e serviço".

Mais um trecho seu, importante para compreendê-lo: "Meu temperamento é secundário. Dificulta a tomada de decisões imediatas, repentinhas. A educação recebida na minha família e na Congregação não criou espaços para o desenvolvimento da coragem em situações difíceis ou conflitantes. Por isto sinto em mim uma dosagem constante e negativa de timidez. Abalo-me com facilidade nas situações de conflito. Em tudo isto entra uma carga marcante de emotividade".

Em 1984 esteve em Santa Maria - RS, como Diretor do Instituto Diocesano de Pastoral Catequética. Ficou emprestado a D. Ivo por um ano.

Em 1985 e 86 trabalhou em Barbacena, auxiliando na formação dos noviços como apreciado confessor.

De 1987 a 1989 voltou novamente a trabalhar na Paróquia de Araxá, como Pároco. Conhecia bem a realidade de Araxá. Estava bem consciente dos grandes valores e dos problemas da Paróquia São Domingos. Sentia que as necessidades da comunidade paroquial ultrapassavam suas capacidades. Os Salesianos eram pouquíssimos. Ele teria que ser não só evangelizador e pastor, mas também administrador, organizador, animador. A Paróquia precisava de um padre polivalente. Os compromissos do pároco não combinavam com ele. Vivia apreensivo, tenso, em conflito. Por isto pediu ao padre Inspetor pra transferi-lo. Foi para Goiânia, como Vigário Cooperador.

1990 a 1991. Foi Vigário Cooperador na Paróquia Sagrado Coração de Jesus em Goiânia - Vila Nova. Sobretudo os jovens se entrosaram muito com ele.

Depois de vários anos de expectativa conseguiu fazer o curso de especialização em Liturgia na Faculdade de Teologia em São Paulo. De meados de 1991 a meados de 1992 morou na comunidade salesiana da Mooca - São Paulo. Ficou muito satisfeito com o curso e com os trabalhos que fez. Foi o coroamento de seu gosto e dedicação à Liturgia durante toda sua vida.

Voltando à Inspetoria, foi para Brasília. Pertencia a comunidade do Dom Bosco e trabalhava na Católica, como Vice-Diretor

Comunitário. No Dom Bosco era presença importante nos momentos chaves da comunidade.

Pe. João Bosco se identificou muito com a nova missão na Católica. Vivia alegre e muito comunicativo. Vibrava com as Missas de formatura, inaugurações e toda festividade. Os alunos e alunas gostavam muito dele. Seu escritório estava sempre cheio.

Falecimento. A notícia de seu falecimento chegou fulminante no Colégio Dom Bosco, na Católica e em todo lugar. Mais de 800 educadores que participavam do Forum de Educação ficaram consternados.

Seu corpo foi velado no santuário Dom Bosco. Grupos de alunos e o povo que poucos dias antes o viram animar os cantos na missa de ordenação sacerdotal do Pe. Newton de Medeiros comentavam a seu respeito: "Seus braços e sua voz, durante os cânticos queriam abraçar a todos que estavam ali e anunciar a alegria da chegada de um novo sacerdote na comunidade".

A Missa concelebrada de corpo presente foi do jeito que ele gostava: solene, alegre, com muito canto e muita participação.

A homilia foi feita pelo Pe. Inspetor, Pe. Alfredo Carrara de Melo, que o conhecia há muito tempo. Trabalharam juntos. Foi seu Diretor e atualmente seu Inspetor. Acentuou três pontos fundamentais no Pe. João Bosco:

Sua personalidade humana

Culto, estudioso, bom orador, tinha o dom de cativar as pessoas com as quais convivia. Sabia ser amigo.

Bondoso ao extremo, tinha uma sensibilidade que sabia captar as dificuldades dos outros e com sua disponibilidade tornava-se aberto a todos quantos o procuravam em qualquer oportunidade. Para isso muito contribuía sua simplicidade e espontaneidade.

Alegre e comunicativo, irradiava ao seu redor o bom humor e a alegria com equilíbrio e discrição.

Sua personalidade religiosa e sacerdotal

Amava a Igreja e a servia com dignidade e respeito. Tinha uma verdadeira paixão pela Liturgia que conhecia a fundo e vivia com amor. Para ele, os atos litúrgicos deviam ser solenes, bonitos, executados com perfeição.

Diretor espiritual, apreciado e procurado, tinha, para cada pessoa, uma palavra pessoal, fruto de uma intensa vida de oração e meditação assídua da Palavra de Deus.

Amava a Congregação e seu fundador, Dom Bosco, cuja pedagogia baseada no amor e no carinho, tão bem soube encarnar em sua vida de educador e professor.

Sua personalidade de educador

Em toda sua vida o maior instrumento de sua ação educativa foi a sua maneira de ser. Seus carinhos, sua conduta feita toda de compreensão, sua atitude sempre gestos à procura de entendimento, sua dedicação em procurar sempre o bem do outro, faziam dele o mestre querido e o amigo de todas as horas.

Pe. Bosco, o senhor hoje nos deixa. Partiu tão rápido que mal conseguimos acreditar. Não, o senhor não partiu; vai ficar sempre presente em nossa memória como alguém que nos quer sempre bem. Lá do céu, continue a nos ajudar, mais ainda do que quando estava conosco.

Na missa de 30º dia, celebrada no auditório da Católica para alunos, professores, funcionários e convidados, várias pessoas falaram da marca do Pe. Bosco em suas vidas. Relato as palavras de Maria Morais que trabalhava com o Pe. João Bosco.

"Ao padre João Bosco:

Amigo, você partiu para a eternidade, mas deixou metade de você nas coisas em que tocou e nas pessoas com quem andou.

No ar ainda está o seu odor e na flor o seu perfume.

Cada manhã você é o sol que me acompanha.

Nos pássaros, você é o canto.

Sua voz soa aos meus ouvidos.

Sinto sua presença em meus pensamentos, em meus gestos e palavras,

Sinto sua presença em minhas orações, quando falo com Deus.

Porque foi você que um dia me deu a mão e me conduziu a Ele.

Você, com aquele jeito bondoso e paciente,

Ensinou-me o dom do perdão e o valor do amor para com o irmão.

Hoje, quando quero um pouco de esperança,

Lembro-me do brilho de seus olhos

Que levantava meu ânimo.
Lembro-me de suas palavras que me encorajavam.
Com sua voz eu aprendia a valorizar a paz infinita.
Pena que eu não havia entendido isto antes, ou por falta de oportunidade.
Ou mesmo de coragem.
Sinto que você ainda está presente em meu coração e por isto não
Quero chorar ... afinal, sempre lho vi sorrindo.
Agora você é a saudade de um passado alegre e colorido.
Que adormeceu num sono tranqüilo, quieto e eterno."

Tenho certeza que o Pe. João Bosco está com Deus para sempre. Sua vida com Cristo, como salesiano, foi penhor da futura. É este o desfecho de uma vida empenhada e inteiramente dedicada aos outros na Congregação, na Igreja. Que o Pe. João Bosco nos ajude a vivermos unidos na ação e na oração.

Seu epítápio:

Pe. João Bosco Nunes de Oliveira

23.04.24 + 13.10.93

"**Bem mais perto de Ti, Senhor!**"

Pe. Hélio Comissário da Silva
Diretor

Brasília, 19 de março de 1995.

